

## PESQUISA COM CÉLULAS-TRONCO EMBRIONÁRIAS: DIVERGÊNCIAS ÉTICAS QUE CAUSAM UM DILEMA MORAL

Cândido Julião Muvale\*

**Resumo:** A pesquisa com células-tronco coletadas dos embriões leva consigo muitas potencialidades e promessas de soluções atrativas para os problemas hodiernos. No entanto, dado que esta pesquisa envolve a destruição e experimentos com embriões humanos, tem sido um problema espinhoso na esfera ético-moral, principalmente para os cristãos que, a exemplo de Jesus Cristo, priorizam a vida em quaisquer situações. Assim, além de levantarem opiniões divergentes no seio dos fiéis cristãos que questionam a sua licitude, estes experimentos médicos impõem também um dilema moral que deixa os cristãos a mercê do acaso e sem coordenadas morais claras: se é evangélico destruir os embriões para pesquisar a cura de várias doenças, ou omitir a ajuda em favor da busca por meios éticos que, até então, parecem possíveis no futuro longínquo. Diante disto, o cristão se vê encurralado numa situação complexa e enrolado num enredo perplexo. Neste contexto, a Igreja Católica recomenda salvar vidas sem precisar destruir os embriões; isto é, além de sacrificar os embriões para coletar células-tronco necessárias para a pesquisa, podem ser usadas as células-tronco adultas e as células-tronco pluripotentes induzidas, dado que elas também são eficazes para os experimentos. Esta opção é mais evangélica, pois, além de salvar vidas humanas, ela também ajuda o cristão a viver melhor o seu discipulado e a se posicionar com confiança e convicção diante deste dilema.

**Palavras-chave:** Células-tronco. Embriões. Dilema moral. Pesquisa.

## EMBRYONIC STEM CELL RESEARCH: ETHIC DIVERGENCES THAT CAUSE A MORAL DILEMMA

**Abstract:** The research with stem cells collected from embryos brings with it many potentialities and promises of attractive solutions to today's problems. However, given that this research involves the destruction and experiments with

---

\* Graduado em Filosofia pela The Catholic University of Eastern Africa – CUEA. Atualmente é acadêmico de curso de Teologia na Faculdade Palotina – FAPAS em Santa Maria, RS. E-mail: [candido.muvale@mail.com](mailto:candido.muvale@mail.com)

human embryos, it has been a thorny problem in the ethical-moral sphere, especially for Christians who, like Jesus Christ, prioritize life in any situation. Thus, apart from raising differing opinions within the Christian faithful who question their lawfulness, these medical experiments impose also a moral dilemma that leaves Christians at the mercy of chance and without clear moral coordinates: whether it is evangelical to destroy embryos to research the cure of various diseases, or omit help in favor of the search for ethical means that, until now, seem to be possible in the distant future. Faced with this, the Christian faithful finds himself trapped in a complex situation and wrapped in a perplexed plot. In this context, the Catholic Church recommends saving lives without having to destroy the embryos; that is, apart from sacrificing the embryos to collect stem cells needed for research, adult stem cells and induced pluripotent stem cells can be used, as they are also effective for experiments. This option is more evangelical because, in addition to saving human lives, it also helps Christians to live better their discipleship and to position themselves with confidence and conviction in the face of this dilemma.

**Keywords:** Stem cells. Embryos. Moral dilemma. Research.

## Introdução

Ao se aventurar na vasta história da humanidade, é possível notar que milênio após milênio, de século em século, década a década, enfim, todos os anos e de forma ininterrupta, o homem tem adquirido novas formas de civilização para continuar o seu processo de evolução. Neste contexto, a saúde, a par de outras prioridades, continua sendo 'a menina dos olhos' da humanidade. Em virtude da sua busca, o homem, munido de uma insaciável curiosidade, desenvolveu novos métodos de interpretar o seu *habitat*<sup>1</sup> e abriu novos horizontes através da exploração dos limites e potencialidades do seu mundo e do estudo biológico do seu corpo. Através dessa indagação irrequieta inerente ao ser do homem, as ciências, a arte, a tecnologia, com suas novidades, surgiram

---

<sup>1</sup> Lugar ou meio natural que o homem vive e desenvolve as suas atividades (ou seja, o mundo que o rodeia).

e se desenvolveram consideravelmente a fim de responder a essa inquietude, fornecendo dados brutos, fomentando a busca e oportunizando novas descobertas. Nesse interim, a tecnologia está a todo o vapor; ela ofereceu uma fornada de inovações, criatividade e mudanças para o gáudio próprio da humanidade. Na área de saúde, por exemplo, nota-se uma passagem de serviços tradicionais de saúde para serviços modernos auxiliados e facilitados pela tecnologia: desde a telemedicina, a computação na nuvem, a internet 5G, a inteligência artificial, a internet das coisas. Estes avanços vêm abrindo novas estradas jamais trilhadas, ampliando novos horizontes promissores e orquestrando um futuro risonho. Porém, o grande desafio para a área de saúde, entre muitos, no contexto hodierno, tem sido as doenças degenerativas. Assim, muitas pesquisas medicinais têm voltado as suas atenções para este fato, procurando soluções, muitas vezes, usando até as vias moralmente questionáveis, como por exemplo, a arbitrária destruição da vida humana no seu estado embrionário para propósitos medicinais. O discipulado cristão consiste essencialmente em amar e promover a vida e a dignidade das pessoas a exemplo de Jesus Cristo cujas palavras foram: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). No mesmo prisma, embora a principal fonte das controvérsias seja o uso de embriões, o escopo das questões levantadas se desdobra e toma repercussões ainda maiores, tais como: quando é que começa a personalidade e a moralidade humana do embrião? Quando é que a alma humana adentra o embrião, tornando-o a ‘imagem e semelhança’ de Deus? O embrião é pessoa ou é apenas uma ‘bolinha de células’ que vai gradualmente se humanizando? Estas questões interpelam o cristão, pois, “negar o dom da vida, suprimir ou manipular a vida que nasce é contrário ao amor humano” (Bento XVI) e, portanto, incongruente com o modo de ser cristão. Deste modo, a partir

de um levantamento bibliográfico, este artigo pretende expor as diferentes perspectivas que orbitam em torno das pesquisas com células-tronco coletados dos embriões e fetos humanos. Para tal, primeiro serão apresentadas as possíveis soluções e benefícios que a pesquisa pode trazer para a humanidade. Na sequência, serão expostos argumentos a favor e contra a pesquisa com células-tronco embrionárias. No terceiro momento serão apresentadas as visões da Igreja católica, as indicações das outras igrejas cristãs e as recomendações de outras religiões. Na conclusão, será articulado o posicionamento do autor.

## **1 O potencial da pesquisa com células-tronco embrionárias**

As células-tronco são as matérias-primas do corpo responsáveis pela construção e manutenção do corpo; são células das quais todas as outras células com funções especializadas, como células sanguíneas, células cerebrais, músculos cardíacos e ossos, são geradas. Sob as condições certas no corpo ou em um laboratório, as células-tronco se dividem para formar mais células chamadas células filhas. Essas células filhas ou se tornam novas células-tronco auto-renováveis ou se tornam células especializadas com uma função mais específica (DEVOLDER, 2015). Entre várias fontes, os embriões humanos são os melhores fornecedores de células-tronco para pesquisa em laboratório. Ademais, a pesquisa de células-tronco embrionárias oferece esperanças de novas terapias e remédios para curar algumas das doenças mais perturbadoras da humanidade, incluindo doenças degenerativas. Segundo SIEGEL (2018), a finalidade primordial da pesquisa é de identificar os mecanismos que regem a diferenciação celular e transformar HESCs<sup>2</sup> em tipos celulares específicos que

---

<sup>2</sup> Human Embryo Stem Cells (Células-tronco de embriões humanos).

possam ser usados para tratar doenças e lesões debilitantes que assolam a humanidade.<sup>3</sup> Na mesma esteira, ZORZANELLI (2017) acredita que o protagonismo da terapia celular sustenta-se na possibilidade de desenvolver formas inovadoras de produção de uma saúde renovável ou menos vulnerável à ação predatória do tempo; ou seja, a pesquisa ofereceria também uma ‘cura’ para o envelhecimento. No entanto, esta pesquisa tem sido muito debatida. Entre os contrários mais vocais da pesquisa estão aqueles que compartilham o desejo de curar, mas que se opõem à busca da cura por meios antiéticos. ZORZANELLI (2017) lamenta ainda que o corpo, seus órgãos, tecidos e células converteram-se em matéria de aperfeiçoamento contínuo, capaz de articular diferentes grupos sociais em disputas por acesso a serviços médicos e tratamentos experimentais. Nesse contexto, a esperança torna-se um ingrediente da pesquisa científica, da política e do mercado. A questão em causa é que esta pesquisa requer a destruição de embriões humanos e, como tal, é antiético e moralmente deplorável, independentemente de seus supostos benefícios e vantagens.

A despeito dessa auspiciosa expectativa, cumpre-nos destacar que, se por um lado essas técnicas representam a esperança de cura de inúmeras enfermidades, entre elas as doenças neurodegenerativas, como Parkinson e Alzheimer, por outro lado, os riscos que o procedimento acarreta, tanto no que diz respeito à vida humana individualmente considerada quanto no que concerne ao ser humano como espécie a ser preservada não consubstanciam meras expectativas, ao contrário, são reais e verificáveis – dentre os quais destacamos a destruição da vida, a instrumentalização do ente humano, a alteração do patrimônio genético, entre outras consequências que se revelam jurídica e eticamente questionáveis (ROCHA, 2008, p. 1).

---

<sup>3</sup> “The main goal of HESC research is to identify the mechanisms that govern cell differentiation and to turn HESCs into specific cell types that can be used for treating debilitating and life-threatening diseases and injuries”.

Além disso, as células-tronco embrionárias são colhidas dos embriões que têm de três a cinco dias de idade. Nesta fase, um embrião é chamado de blastocisto e tem cerca de 150 células; estas são células-tronco pluripotentes, ou seja, elas podem se dividir em mais células ou se tornar qualquer tipo de célula no corpo. Este fato permite que as células-tronco embrionárias sejam usadas para regenerar ou reparar tecidos e órgãos doentes, bem como para avançar e desenvolver medicina regenerativa. Porém, há debate que evolui em torno dessa fonte de células-tronco, e “há duas suposições filosóficas centrais por trás do debate: se o feto é uma pessoa ou uma pessoa em potência; e se o feto tem direitos e, se sim, como estes devem ser equilibrados contra os direitos da mãe”<sup>4</sup> (VARDY; GROSCH, 1994, p. 145). Além disso, os critérios para a personalidade são notoriamente incertos; pessoas diferentes definem o que faz ser uma pessoa de formas diferentes.

## 2 Divergências em volta da pesquisa com células-tronco embrionárias

O primeiro argumento a favor da pesquisa com células-tronco embrionárias avança que os blastocistos ou embriões nos primeiros dias ainda não desenvolveram córtex cerebral humano que é “o fenômeno decisivo na ontogênese da pessoa humana”<sup>5</sup> (HÄRING, 1973, p. 81) e “para o qual nenhuma atividade pessoal pode ser possível”<sup>6</sup> (HÄRING, 1973, p. 82), sendo que “a atividade cerebral consistiria, de fato, na passagem da vida embrional do ‘nível celular’ ao ‘nível holístico’: e só nesse momento é que se daria a unificação dos

---

<sup>4</sup> “There are two central philosophic assumptions lying behind the debate: whether the foetus is a person or a potential person; and whether the foetus has rights and, if so, how these are to be balanced against the rights of the mother”.

<sup>5</sup> “...the decisive phenomenon in the ontogenesis of the human person”.

<sup>6</sup> “...for which no personal activity whatsoever can be possible”.

diversos órgãos e tecidos num único indivíduo humano” (SGRECCIA, 1996, p. 350). A função unificadora é atribuída ao cérebro ou à alma humana (SGRECCIA, 1996), tendo em conta que “no vivente as trocas e os processos bioquímicos são tomados, informados e guiados por um novo princípio unificador, pelo qual o todo regula e determina as partes e as suas funções” (SGRECCIA, 1996, p. 94). Na mesma esteira, é oportuno afirmar que

A vida humana pode ser vista como um espectro contínuo entre o início da vida cerebral no útero (oitava semana da gestação) e a morte cerebral. De qualquer modo, podem estar presentes tecidos e sistemas de órgãos, mas sem a presença de um cérebro humano funcional eles não podem constituir um ser humano, ao menos em sentido médico (SGRECCIA apud GOLDENING, p. 349).

Em outros termos, os blastocistos não têm as partes fundamentais do cérebro, portanto, não têm as propriedades psicológicas, emocionais ou físicas que associamos a ser uma pessoa<sup>7</sup>. Portanto, não têm interesse em serem protegidos e podemos usá-los em benefício de pacientes, que são pessoas, pois, dado que algo que poderia potencialmente se tornar uma pessoa não deve ser tratado como se fosse realmente uma pessoa. DONCEEL insiste:

Eu não sei quando a alma humana é infundida no corpo, mas estou certo de que não há alma humana e, por isso, não há pessoa humana nas primeiras semanas de gravidez... O mínimo que se pode exigir antes de admitir a presença da alma humana é a disponibilidade desses órgãos: os sentidos, o sistema nervoso, o cérebro e especialmente o córtex cerebral. Uma vez que esses órgãos não estão prontos durante os

---

<sup>7</sup> “Qualquer coisa que não tenha consciência autoconsciente (...) não pode se dar conta de que seu futuro foi eliminado; para sofrer seria necessário que essa eliminação tematizasse o valor, confrontando esta última com a não-vida. Mas essa capacidade de refletir sobre si, de confronto com antítese, de posição dialética do valor da vida por meio da negação do valor do seu oposto, não pode ser própria nem do embrião nem do feto; o primeiro não tem consciência, o segundo tem consciência, mas não autoconsciência: por que, então, a preocupação com a eliminação deles?” (SGRECCIA, 1996, 359).

primeiros dias da gravidez, estou seguro de que não há pessoa humana senão depois de várias semanas (apud SGRECCIA, 1996, p. 350).

Os proeminentes opositores dessa visão argumentam que “o primeiro momento decisivo da nova vida é o momento de fertilização do óvulo [...] dado com um código genético único, nunca-a-ser-repetido”<sup>8</sup> (HÄRING, 1973, p. 77), e que vai se desdobrar e manifestar-se em última instância na criança e pessoa adulta totalmente desenvolvida. Em outras palavras, o embrião tem status moral total a partir da fertilização em diante. Além disso, o desenvolvimento de um óvulo fertilizado para o bebê é um processo contínuo e qualquer tentativa de identificar quando a personalidade começa é arbitrária. Um embrião humano é um ser humano no estágio embrionário, assim como uma criança é um ser humano no estágio infantil. Outro ponto relacionado é que, embora um embrião não tenha atualmente as características de uma pessoa, ele se tornará uma pessoa e deve receber respeito e dignidade de uma pessoa. Ademais, SERRA (apud SGRECCIA, 1996, p. 350) enfatiza que:

[Mesmo a linha primitiva- muitas vezes tomada como início da personalidade] não representa senão o ponto de chegada de um processo sequencialmente ordenado, sem solução de continuidade, que se inicia no momento em que se formou o zigoto. No período de preparação dos sistemas nutritivos e protetores sempre estiveram presentes aquela célula ou aquelas células da qual hão de se originar os folhetos que constituem a linha primitiva embrional. De qualquer modo, esta não aparece de repente, como se viesse de fora e separada de todo o conjunto do processo que começa a se desenvolver desde a singamia: é um produto deste processo.

Igualmente, ainda falando sobre o período que se estende desde a constituição do zigoto até o aparecimento da linha embrional primitiva e a partir

---

<sup>8</sup> “...the first decisive moment of new life is the moment of fertilization of the ovum [...] given with a unique, never-to-be-repeated genetic code”.

desta em diante, MCLAREN afirma que seria equivocado e, ao mesmo tempo, muito enganoso assinalar que estes sejam “dois processos descontínuos que não têm nenhuma correlação entre si e que duas estruturas, a que vem antes da linha primitiva e a que vem depois, sejam de dois sujeitos diferentes, ou que a primeira seja um agregado sem sujeito” (apud SGRECCIA, 1996, 350-351). Isto é demonstrado pelo fato de que o zigoto tem sua realidade biológica própria e bem determinada, ou seja, ele já é um indivíduo totalmente humano em desenvolvimento, que, de forma autônoma e paulatina, momento a momento, sem ruptura ou descontinuidade, vai estabelecendo e edificando a própria forma, executando, por uma atividade intrínseca, um desenho projetado e programado em seu próprio genoma (SERRA apud SGRECCIA, 1996).

A segunda perspectiva a favor da pesquisa de células curingas coletados dos embriões e fetos humanos declara que um embrião humano merece proteção especial desde o dia 14 após a fertilização. Antes deste ponto, não há individuação dado que o embrião ainda pode ser dividido para se tornar dois ou mais bebês. Ou seja, “a geminação uniovular<sup>9</sup> no ser humano pode ocorrer até o décimo quarto dia, quando gêmeos unidos ainda podem ser produzidos”<sup>10</sup> (HÄRING, 1973, p. 79). Assim, “sem individuação não há personalização, ou seja, ainda não surgiu uma pessoa humana”<sup>11</sup> (HÄRING, 1973, p. 80). Além disso, a

---

<sup>9</sup> “No caso da geminação uniovular, o fato eventual da divisão não desmente o que foi dito sobre a continuidade de desenvolvimento do embrião; antes, comprova-o. de fato, o momento da divisão prevê a intervenção de uma causa interferente no projeto, ou seja, não acontece por força do mecanismo evolutivo, mas contra ele. Além disso, o resultado é ainda de acordo com o desenvolvimento descrito, e esse desenvolvimento autoconstrutivo e determinado se repete em cada uma das partes divididas. A natureza dessas partes de zigoto que passam a se comportar como outros tantos zigotos é ainda um projeto humano (não uma planta ou um animal)” (SGRECCIA, 1996, p. 351).

<sup>10</sup> “...winning in the human being may occur up to the fourteenth day, when conjoined twins can still be produced”.

<sup>11</sup> “...without individuation there is no personalization, that is, there has not yet emerged a human person”.

fertilização em si é um processo, não um momento. Um embrião nos estágios iniciais não é claramente definido como um indivíduo; e antes do dia 14, o embrião não tem sistema nervoso central e, portanto, não tem sentidos. Se pudermos pegar órgãos de pacientes que foram declarados mortos cerebrais e usá-los para transplante, então também podemos usar embriões de cem células que não têm sistema nervoso. Até o dia 14 o embrião “estaria subordinado à vida adulta” (SGRECCIA, 1996, p. 347). Antes desse estado, trata-se apenas de um indivíduo geneticamente, mas não morfologicamente: assim, não se pode falar de um verdadeiro ser humano no sentido ontológico (SGRECCIA, 1996). Portanto, não há responsabilidades morais para com as pessoas que ainda não têm existência (ENGELHARDT, 2008), dado que “o critério da ausência de atividade eletroencefalográfica, que tem sido adotada como teste para a morte, serviria [ou serve] como teste para o início [ou mesmo fim] da vida de uma pessoa” (ENGELHARDT, 2008, p. 309).

Os antagonistas dessa visão enfatizam que, mesmo que digamos que a formação do sistema nervoso marca o início da pessoalidade, ainda não diríamos que um paciente que perdeu células nervosas em um derrame se tornou menos humano. A introdução da definição de morte de todo o cérebro tem sido erroneamente atrelado ao início das atividades no cérebro como também o azo da vida humana<sup>12</sup>. Porém, isso não é aplicável ao embrião, como explicita SERRA (apud SGRECCIA, 1996, 353).

Diferente é a situação do embrião em desenvolvimento: ‘Estamos na presença (neste caso) não de fase terminal de um processo dinâmico vital no qual se inicia a desintegração do indivíduo, mas estamos, ao

---

<sup>12</sup> “Houve uma simetria superficial entre o uso das definições de morte e vida de todo o corpo com as linhas demarcatórias para a atribuição de caráter de pessoa. Retirava-se a condição de pessoa quando o último suspiro era dado; a condição de pessoa era atribuída quando o suspiro primeiro era dado” (ENGELHARDT, 2008, p. 308-309).

contrário, na presença de um processo dinâmico unitário que unifica todas as partes que vão pouco a pouco comparecendo: é o sujeito humano em desenvolvimento que, pela lei ontogenética, exige uma gradual diferenciação e, portanto, também a gradual formação das estruturas cerebrais. Graduação que não induz saltos de qualidade, mas apenas enriquecimento de expressão das potencialidades já inscritas no zigoto.

Além disso, se não temos certeza se um óvulo fertilizado deve ser considerado um ser humano, então não devemos destruí-lo, dado que, segundo a sabedoria popular, “um caçador não atira se não tem certeza se seu alvo é um veado ou uma pessoa”<sup>13</sup>.

A terceira posição a favor da pesquisa de células-tronco embrionárias sustenta que o embrião tem status moral crescente à medida que se desenvolve; ele merece alguma proteção a partir do momento em que o esperma fertiliza o óvulo, e seu status moral aumenta à medida que se torna mais humano. Existem vários estágios de desenvolvimento que poderiam ser dados status moral crescente: o embrião em seus seis dias após a fertilização, o início do sistema nervoso em torno de 14 dias, a fase em que o bebê poderia sobreviver se nascesse prematuramente, e o nascimento<sup>14</sup>. Essa “tremenda passagem das formas atuais em novas complexidades e unidade mais surpreendentes sugere a presença do princípio da vida”<sup>15</sup> (HÄRING, 1973, p. 78). Além disso, se uma vida é perdida, o sentimento que brota disso varia de acordo com o estágio da vida perdida. Um óvulo fertilizado antes de seis dias poderia ser concedido um menor grau de respeito do que um feto humano ou um bebê recém-nascido.

---

<sup>13</sup> “A hunter does not shoot if he is not sure whether his target is a deer or a man”

<sup>14</sup> Mesmo depois de nascimento, “não existe sequer evidência para afirmar que os bebês sejam pessoas no sentido estrito. Seja qual for o tipo de vida mental que existe para os fetos e bebês, não é a mesma dos agentes morais autoconscientes, de maneira que a condição moral dos mamíferos adultos, *centeris paribus*, seria mais elevada que a dos fetos ou bebês humanos” (ENGELHARDT, 2008, p. 308).

<sup>15</sup> “[The] tremendous surpassing of present forms into new ones of greater complexity and more astonishing unity suggests the presence of the principle of life”.

O início da vida biológica humana não é o início da vida de uma pessoa como agente moral. Em ontogenia humana vivem-se meses de vida biológica antes que haja suficiente prova da vida da mente – anos se passam antes que existam provas da vida de uma pessoa como agente moral (ENGELHARDT, 2008, p. 308).

Além disso, mais da metade dos óvulos fertilizados são perdidos devido a causas naturais. Se o processo natural envolve tal perda, então o uso de alguns embriões na pesquisa de células-tronco também não deve nos preocupar.

Os opositores deste argumento insistem que se busca proteger a vida e os interesses de uma pessoa não porque são valiosos do ponto de vista subjetivo de terceiros, mas porque são importantes para a pessoa em questão, que é portadora de uma vida humana. Qualquer que seja o status moral que o embrião humano tenha para uma e outra pessoa, a vida que ele vive tem um valor para o embrião em si. E, se o status moral do embrião for julgado de acordo com o seu estágio de vida, então, se estará tomando opiniões e decisões arbitrárias, subjetivas, egoístas e fragmentadas sobre quem é humano.

A quarta posição salienta que o embrião não tem status moral algum, dado que é um material orgânico com um status não diferente de outras partes do corpo. Em termos simples, os óvulos fertilizados são apenas “um número infinito de combinações de traços paternos e maternos...”<sup>16</sup> (HÄRING, 1973, p. 77); eles são apenas partes do corpo de outras pessoas até que eles se desenvolveram o suficiente para sobreviver independentemente. Assim,

Aqueles que produziram um feto (...) têm o direito primordial de determinar efetivamente o seu uso. Em geral, isto compete ao pai e à mãe que conceberam o feto, especialmente à mãe, já que ela o carrega. Eles produziram, eles o fizeram, é deles. Os fetos podem ser

---

<sup>16</sup> “...infinite number of combinations of paternal and maternal traits”.

considerados como uma forma especial de uma propriedade muito querida: a linhagem biológica de uma família, a tentativa de um casal formar outra pessoa a quem dispensar seu amor, seus cuidados e preocupações (ENGELHARDT, 2008, p. 310).

Assim, os fetos produzidos em particular são propriedades particulares e privadas daqueles que produzem ou procriam. O único respeito devido ao blastocisto é o respeito que deve ser mostrado à propriedade de outras pessoas. E, se destruí-lo, não o prejudicamos porque não tem crenças, desejos, expectativas, objetivos ou propósitos a serem prejudicados. Portanto, nenhum status moral deve ser dado a ele, pois, os fetos, embriões, zigotos são senão dilatações e frutos do corpo dos progenitores. Portanto,

São seus para deles dispor, até que tomem posse de si mesmos como entidades conscientes, até que se lhes deem uma condição especial em uma comunidade, até que os nossos direitos sobre eles sejam transferidos a outra pessoa, ou até que eles mesmos se tornem pessoas (ENGELHARDT, 2008, p. 311).

Por outro lado, os inimigos desta posição, além de rechaçar a ideia de que o embrião faz parte do organismo da mulher<sup>17</sup>, sugerem também que, ao tirar células-tronco de um embrião precoce, impedimos que o embrião se desenvolva de forma normal. Isso significa que ele está impedido de se tornar o que foi programado para se tornar: um ser totalmente humano, levando em conta que a arquitetura geral do corpo está codificada nos genes e se pode admitir tranquilamente que o desenvolvimento das formas embrionais representa a expressão direta ou indireta de uma série coordenada de informações codificadas no genoma (SGRECCIA, 1996).

---

<sup>17</sup> "Os slogans tais como: o embrião é parte do organismo materno; o aborto provocado é como uma intervenção qualquer; a mulher tem pleno direito sobre seu ventre... e assim por diante são um ultraje à seriedade da ciência, mais ainda que à seriedade da morte" (SGRECCIA, 1996, p. 354).

Uma vez que o desenvolvimento biológico é ininterrupto e se realiza sem intrínseca mutação qualitativa, sem que seja necessária uma ulterior intervenção causal, deve-se dizer que a nova entidade constitui um novo indivíduo humano, o qual desde o instante da concepção continua o seu ciclo, ou melhor, a sua curva vital. A autogênese do embrião acontece de tal modo que a fase sucessiva não elimina a precedente, mas a absorve e a desenvolve, segundo uma lei biológica individualizada e controlada (SGRECCIA, 1996, p. 346).

### **3 A visão da Igreja Católica, das outras igrejas cristãs e das outras religiões**

As diferentes religiões veem o status do embrião humano primitivo de diferentes maneiras; por exemplo, a Igreja Católica, Protestante, Ortodoxa e outras mais tradicionais, acreditam que o embrião tem o status de um ser humano desde a concepção, e nenhuma pesquisa embrionária deve ser permitida. Segundo Fernanda Sais, o judaísmo e islamismo enfatizam a importância de ajudar os outros, e argumentam que o embrião não tem status humano completo antes de 40 dias. Então, segundo Fernanda Sais, ambas as religiões permitem algumas pesquisas sobre embriões. Outras religiões tomam esta ou aquela posição em consonância com os seus acentos doutrinários.

A Igreja Católica acredita que o homem é a “única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma” (GS, n. 24). Desde o ventre materno Ele já nos conhece e nos consagrou à vida (Jr 1,5; Gl 1, 15; Sl 139, 16). Ademais, a Congregação para a Doutrina da Fé (apud SGRECCIA) afirma categoricamente que até “os cadáveres dos embriões ou fetos humanos, voluntariamente abortados ou não, devem ser respeitados como os restos dos demais seres humanos” (2008, p. 553-554). O embrião já é um ser humano vivente, pois, diz Tertuliano (apud SGRECCIA), “já é um homem aquele que o será” (1996, p. 347). O ser vivente é aquele que é “capaz de uma atividade que parte do sujeito

vivente e tende a aperfeiçoar o próprio sujeito: vida é capacidade de ação imanente” (SGRECCIA, 1996, p. 93). SGRECCIA continua dizendo que a “‘vida’ está, portanto, na capacidade real de um ser de ser causa e fim da própria ação” (1996, p. 93). Sendo assim, a analogia de SGRECCIA demonstra essa dinâmica intrínseca do embrião:

Imaginemos que se trata de construir uma casa: é preciso haver o arquiteto que faz o desenho, o empresário que administra a construção, os operários que executam e o material necessário. No zigoto essas diferentes funções: o projeto, a coordenação, a construção e o material de construção se encontram e se ativam por dentro. O zigoto é projetista, empresário, executor e construtor do material. Além disso, assim como a casa já revela o projeto desde a base, desde o aparecimento dos primeiros fundamentos, assim o zigoto, ao se tornar embrião, mostra toda a estrutura do indivíduo: a mãe fornece apenas o ambiente de trabalho e o que é necessário para a construção do material. A diferença essencial está apenas em que o arquiteto, o empresário e os operários constroem um objeto alheio à própria pessoa, e o embrião, ao contrário, constrói a si mesmo (1996, p. 354).

Ademais, a pesquisa com células-tronco embrionárias pode incentivar outros problemas moralmente periclitantes e deploráveis como o tráfico de fetos e embriões humanos; o grande risco, além de tantos outros, segundo SGRECCIA (1996, p. 554), é que “se procurem quanto possível tecidos não alterados, capazes de se regenerarem, e que, portanto, se saia à procura de fetos vitais, por meio de contatos com mulheres predispostas ao aborto ou com clínicas onde se pratica o aborto”. Na “Instrução Sobre o Respeito à Vida Humana Nascente e a Dignidade da Procriação” está claramente explícito que a pesquisa com células-tronco e outras pesquisas médicas, quando não são interpeladas pelos valores evangélicos, “podem consentir ao homem ‘tomar nas mãos o

próprio destino', mas expõem-no também 'à tentação de ultrapassar os limites de um domínio razoável sobre a natureza"<sup>18</sup>.

## Conclusão

Os dados acima apresentados trouxeram à tona um panorama acerca do debate concernente à pesquisa com células-tronco embrionárias. Foram articuladas algumas potencialidades que a pesquisa pode trazer; foram expostos diversos pontos de vista sobre esta pesquisa quer científicos, quer religiosos. Portanto, seria oportuno afirmar que a pesquisa com células-tronco embrionárias nos coloca um dilema moral. Ela nos obriga a escolher entre dois princípios morais: o dever de prevenir ou aliviar o sofrimento e o dever de respeitar o valor da vida humana. No caso desta pesquisa, parece impossível respeitar ambos os princípios morais. Pois, por um lado, para obter células-tronco embrionárias, o pré-embrião deve ser destruído; e isso significa destruir uma vida humana em potência. Por outro lado, a pesquisa embrionária de células-tronco poderia levar à descoberta de novos tratamentos médicos que aliviariam o sofrimento de muitas pessoas. Na verdade, o problema consiste em estabelecer equilíbrio entre a cura e otimização da vida com o cuidado e proteção da vida, entre a conquista da doença e o aperfeiçoamento da qualidade de vida, entre reduzir mortalidade e morbidade. Dado que, não há nenhum ponto, nesta situação, de fazer o mal de modo a realizar o bem<sup>19</sup>, fontes menos "malignas" de células-

---

<sup>18</sup> O documento cita João Paulo II, Discurso aos participantes dos 81. Congresso da Sociedade Italiana de Medicina Interna e do 82. Congresso da Sociedade Italiana de Cirurgia Geral, 27 de outubro de 1980: AAS 72 (1980) 1126.

<sup>19</sup> "A própria Declaração de Helsinki proíbe a experimentação não terapêutica com indivíduos incapazes de consentimento. O feto não deve ser tratado como cobaia e, por esse motivo, deve-se considerar imoral a experimentação com fetos humanos vivos. Também não pode ser aceita a alegação de que, desse modo, pode-se favorecer a pesquisa para a cura de outros indivíduos

tronco podem ser preferidas, como células-tronco adultas e células-tronco pluripotentes induzidas, que, como células-tronco embrionárias, elas também podem se tornar qualquer tipo de célula no corpo; assim, elas também podem ser úteis na pesquisa. Portanto, embora haja motivos nobres e um futuro promissor na pesquisa de células curingas dos embriões, são equivocados os argumentos para justificar e os meios para alcançar o futuro colimado.

## Referências

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Constituição Pastoral **Gaudium et Spes**: Sobre a Igreja no mundo actual. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 10 set. 2020.

DEVOLDER, Katrien. **The Ethics of Embryonic Stem Cell Research**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

ENGELHARDT, H. Tristram. **Fundamentos da Bioética**. São Paulo: Loyola, 2008.

HÄRING, Bernard. **Medical Ethics**. London: ST Paul, 1973.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta **Encíclica Evangelium Vitae**: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Loyola, 1995.

ROCHA, Renata da. **O Direito à Vida e a Pesquisa com Células-Tronco**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

---

humanos, pois um fim bom não pode ser conseguido por um mau meio, que neste caso é representado pela eliminação de um indivíduo humano. Nem tem valor o argumento de que a parte deve ser sacrificada pelo todo, entendendo-se por parte o feto individualmente e por todo o bem da humanidade, pois o indivíduo sozinho não é uma parte do organismo social, mas é o objetivo da sociedade; o bem comum deve ser entendido como o bem dos indivíduos” (SGRECCIA, 1996, p. 552).

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação**. Disponível em: <<http://www.vatican.va/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

SAIS, Fernanda. **Pesquisa com células-tronco embrionárias: questões éticas**. Disponível em: <<http://tudosobrecelulastronco.com.br/pesquisa-com-celulas-tronco-embrionarias/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética: fundamentos e ética biomédica**. São Paulo: Loyola, 1996.

SIEGEL, Andrew, **Ethics of Stem Cell Research**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2018 Edition), Edward N. Zalta. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/stem-cells/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

VARDY, Peter; GROSCH, Paul. **The Puzzle of Ethics**. London: Harper Collins, 1994.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira et al. Pesquisa com Células-tronco no Brasil: a produção de um novo campo científico. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.129-144, jan./mar. 2017.